

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Thirteen Reasons Why*

Autor: *Jay Asher*

Copyright © 2007 Jay Asher

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução de toda ou parte da obra sob qualquer forma ou meio.

Edição portuguesa publicada por acordo com **Razorbill**, uma divisão da Penguin Young Readers Group, chancela da Penguin Group (USA) Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2009

Tradução: *Alice Rocha*

Imagem da capa © Wendy Stevenson/Arcangel Images

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Pré-impressão, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição: Lisboa, outubro, 2009

2.ª edição: Lisboa, setembro, 2016

Depósito legal n.º 299 264/09

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# Índice

O DIA ANTERIOR — Uma hora depois do fim das aulas .....	14
Cassete n.º 1: Lado A .....	15
Cassete n.º 1: Lado B .....	37
Cassete n.º 2: Lado A .....	51
Cassete n.º 2: Lado B .....	63
Cassete n.º 3: Lado A .....	82
Cassete n.º 3: Lado B .....	102
Cassete n.º 4: Lado A .....	125
Cassete n.º 4: Lado B .....	144
Cassete n.º 5: Lado A .....	159
Cassete n.º 5: Lado B .....	179
Cassete n.º 6: Lado A .....	188
Cassete n.º 6: Lado B .....	204
Cassete n.º 7: Lado A .....	215
Cassete n.º 7: Lado B .....	225
O DIA SEGUINTE — Depois de enviar as cassetes .....	226
13 <i>Inspirações</i> .....	230

— O senhor tem urgência no envio da encomenda? — insiste ela.

Esfrego dois dedos, com força, por cima da sobrancelha esquerda. A dor latejante está cada vez mais intensa. — Nem por isso — respondo-lhe.

A funcionária pega no pacote. A mesma caixa de sapatos que, há menos de vinte e quatro horas, fui encontrar no meu alpendre; e que tornei a embrulhar num saco de papel pardo, envolvi em fita adesiva transparente, tal qual como a recebi. Agora, porém, endereçada a outro destinatário. O destinatário seguinte na lista de Hannah Baker.

— A dúzia de Baker — balbucio. Sinto-me nauseado por ter reparado nisso sequer.<sup>1</sup>

— Desculpe?

Abano a cabeça. — Quanto é?

Ela coloca a caixa em cima dum tapete de borracha e em seguida introduz a sequência no teclado do computador.

---

<sup>1</sup> *Baker's dozen*, no original, corresponde, na verdade, não a uma dúzia, mas a treze. A ocorrência mais antiga da expressão data do século XIII, quando os padeiros (*bakers*) adotavam o costume de vender treze pães pelo preço duma dúzia para não serem acusados de roubar no peso, uma acusação grave passível de ser punida com o corte duma mão. Poderá também ser resultante da superstição segundo a qual, caso entregassem um pão, o décimo terceiro, ao diabo, este não amaldiçoaria a dúzia. O autor aproveita o apelido de Hannah e o facto de as suas cassetes terem treze destinatários para jogar com a expressão. (NT)

Assento o meu copo de café da estação de serviço em cima do balcão e deito uma olhadela ao ecrã. Retiro algumas notas da carteira, vasculho uns trocos dentro do bolso e coloco o dinheiro no balcão.

— Parece-me que o seu café ainda não fez efeito — comenta ela.  
— Falta um dólar.

Entrego-lhe o dólar em falta, em seguida esfrego os olhos para me livrar do sono. Bebo um gole de café, que está morno, fazendo que seja mais difícil engoli-lo. Mas preciso de acordar seja lá de que maneira for.

Ou talvez não. Talvez seja melhor passar pelo dia de hoje em estado de sonolência. Talvez seja a única maneira de lhe sobreviver.

— Amanhã já deverá chegar à morada indicada — informa-me a funcionária. — Ou talvez depois de amanhã. — Posto isto, deixa cair o pacote dentro dum carrinho atrás dela.

Eu deveria ter adiado isto para depois das aulas. Deveria ter dado à Jenny um último dia de paz.

Embora ela não o mereça.

Quando chegar a casa amanhã, ou no dia a seguir, irá deparar com uma encomenda à porta. Ou se a mãe, o pai, ou outra pessoa qualquer chegarem lá primeiro, talvez o encontre em cima da cama. E ficará entusiasmada. Uma encomenda sem remetente? Ter-se-iam esquecido ou teria sido intencional? Talvez dalgum admirador secreto?

— Deseja recibo? — pergunta-me a funcionária.

Abano a cabeça.

Apesar disto, uma pequena impressora emite um. Observo-a a rasgar o recibo pela serrilha de plástico e a atirá-lo para um cesto dos papéis.

Só existe uma estação do correio em toda a cidade. Interrogo-me se a funcionária terá atendido as outras pessoas da lista, as que receberam esta encomenda antes de mim. Terão guardado os recibos como uma espécie de lembrança sórdida? Enfiados dentro da gaveta da roupa interior? Afixados nos *placards* de cortiça?

Quase me sinto tentado a pedir o recibo. Por pouco não lhe digo: «Desculpe, afinal acho que é melhor ficar com ele.» Como recordação.

Mas, se eu quisesse uma recordação, poderia ter feito gravações das cassetes ou ficado com o mapa. A verdade, porém, é que espero nunca mais tornar a ouvir aquelas cassetes, embora tenha a certeza de que nunca me haverei de esquecer da voz dela. E as casas, as ruas e a escola secundária estarão lá sempre para me lembrar.

A situação já não está sob o meu controlo. A encomenda já seguiu o seu caminho. Abandono a estação do correio sem o recibo.

Por detrás da sobancelha esquerda, lá bem no fundo, a minha cabeça continua a latejar. Cada vez que engulo, vem-me à boca um sabor a fel, e quanto mais me aproximo da escola, mais perto me sinto de desfalecer.

Eu quero desfalecer. Quero tombar aqui mesmo, no passeio, e arrastar-me até à hera. Porque, mesmo por detrás da hera, o passeio descreve uma curva, contornando o exterior do parque de estacionamento da escola. Atravessa o relvado da frente até ao edifício principal. Transpõe a porta e vira para um vestíbulo, que serpenteia por entre fiadas de cacifos e salas de aula de ambos os lados, acabando finalmente por desembocar na porta sempre aberta para o primeiro tempo.

Na parte da frente da sala, virada para os alunos, estará a secretária de Mr. Porter. Será ele o último a receber a encomenda sem remetente. E, no meio da sala, uma secretária para a esquerda, estará o lugar de Hannah Baker.

Vazio.

## O DIA ANTERIOR

### Uma hora depois do fim das aulas

Encontro uma encomenda do tamanho duma caixa de sapatos inclinada contra a porta da rua. A nossa porta da rua tem uma pequena ranhura para introduzir a correspondência, mas tudo o que ultrapasse em espessura um sabonete é deixado no degrau. Uns rabiscos no embrulho indicam que é dirigida a Clay Jensen e, por conseguinte, pego nela e entro em casa.

Levo a encomenda para a cozinha e pouso-a na bancada. Abro a gaveta da tralha e retiro uma tesoura. Em seguida, faço deslizar uma das lâminas em volta do pacote e levanto a parte superior. Dentro da caixa de sapatos, encontra-se um embrulho envolvido em plástico de bolhas. Desenrolo-o e descubro sete cassetes áudio.

Cada cassete tem um número pintado a azul-escuro no canto superior direito, possivelmente com verniz das unhas. Cada lado também se encontra numerado. Um e dois na primeira cassete, três e quatro na segunda, cinco e seis, e por aí em diante. A última cassete tem treze escrito num dos lados, mas nada no outro.

Quem se lembraria de me enviar uma caixa de sapatos cheia de cassetes áudio? Hoje em dia já ninguém ouve cassetes. Será que conseguirei arranjar maneira de ouvi-las?

A garagem! A aparelhagem na bancada de carpintaria. O meu pai trouxe-a duma venda de quintal quase de graça. É velha e, como tal, ele não se importa se ficar coberta de serradura ou salpicada de tinta. E, melhor ainda, tem leitor de cassetes. Carrego na tecla de *eject*. Uma porta de plástico abre-se e ponho a primeira cassete a correr.

## Cassete n.º 1: Lado A



*Olá, rapazes e raparigas. Daqui fala-vos a Hannah Baker. Ao vivo e em estéreo.*

*Não posso crer.*

*Nada de reposições. Nada de bises. E, desta vez, os pedidos estão completamente fora de questão.*

*Não, não posso mesmo crer. A Hannah Baker suicidou-se.*

*Espero que estejam preparados, porque estou prestes a contar-vos a história da minha vida. Mais concretamente, os motivos que conduziram ao fim da minha vida. E se estiverem a ouvir estas cassetes, vocês são um desses motivos.*

*O quê? Não acredito!*

*Não vos vou dizer em qual das cassetes da história vocês entram. Mas não tenham medo, se receberam esta caixinha amorosa, o vosso nome acabará por aparecer... Prometo.*

*Afinal, porque haveria uma rapariga morta de mentir?*

*Ei! Isto até parece uma piada. Porque haveria uma rapariga morta de mentir? Resposta: porque não é capaz de ficar de pé.<sup>2</sup>*

*Será isto uma espécie de bilhete de suicídio deturpado?*

*Estejam à vontade. Riam-se.*

*Pronto, está bem. Eu cá achei-lhe piada.*

*Antes de morrer, a Hannah gravou uma série de cassetes. Porquê?*

---

<sup>2</sup> Trocadilho entre dois dos significados de *to lie*: «mentir» e «estar em posição horizontal». (NT)

*As regras são muito simples. Só existem duas. Regra número um: vocês ouvem. Regra número dois: passam-nas ao seguinte. Espero sinceramente que nenhuma delas vos seja fácil.*

— O que é isso que estás a ouvir?

— Mãe!

Precipito-me para a aparelhagem, carregando em várias teclas ao mesmo tempo.



— Mãe, pregou-me cá um susto — digo-lhe. — Não é nada de especial. É só um projeto para a escola.

A minha resposta de recurso adaptável a todas as situações. Vais voltar tarde para casa? Projeto para a escola. Precisas de mais dinheiro? Projeto para a escola. E agora, as cassetes duma rapariga. Uma rapariga que, duas semanas atrás, engoliu uma mão-cheia de comprimidos.

Projeto para a escola.

— Posso ouvir? — pergunta-me.

— Não são minhas — respondo-lhe. Raspo com a ponta do pé no chão de cimento. — Estou a ajudar um amigo meu. É uma história. É enfadonho.

— Bom, que simpático da tua parte — comenta ela. Inclina-se sobre o meu ombro e levanta um trapo poeirento, uma das minhas fraldas velhas, para pegar numa fita métrica escondida por baixo. Depois dá-me um beijo na testa. — Vou deixar-te sossegado.

Aguardo até ouvir o estalido da porta a fechar-se, em seguida coloco um dedo na tecla de *play*. Os meus dedos, as minhas mãos, os meus braços, o meu pescoço, tudo me parece oco. Nem força tenho para carregar na tecla duma aparelhagem para amostra.

Pego na fralda e estendo-a por cima da caixa de sapatos para a esconder da vista. Quem me dera nunca ter visto esta caixa nem as sete cassetes que tem dentro. Da primeira vez que carreguei no *play*, foi fácil. Canja. Não fazia a mais pequena ideia do que me esperava.

Desta feita, porém, é uma das coisas mais assustadoras que fiz em toda a vida.

Baixo o volume e carrego no *play*.



*... um: vocês ouvem. Regra número dois: passam-nas ao seguinte. Espero sinceramente que nenhuma delas vos seja fácil.*

*Quando acabarem de ouvir os treze lados — uma vez que todas as histórias têm treze lados — rebobinem as cassetes, tornem a arrumá-las dentro da caixa e enviem-na à pessoa que venha a seguir da vossa historiazinha. E tu, o felizardo número treze, tu podes mandar as cassetes diretamente para o inferno. Dependendo da tua religião, talvez nos encontremos por lá.*

*Para o caso de se sentirem tentados a infringir as regras, aviso-vos desde já de que fiz uma cópia destas cassetes. E, se esta encomenda não passar pelas mãos de todos vocês, as cópias serão divulgadas duma forma bastante pública.*

*Isto não se tratou duma decisão repentina.*

*Não me tomem por garantida... Outra vez.*

*Não. Não é possível que ela consiga fazer isto.*

*Estão a ser vigiados.*

## II

O meu estômago contrai-se, pronto a vomitar se eu o deixar. Ali perto, reparo num balde de plástico virado de cabeça para baixo em cima dum banco de madeira. Se precisar, basta-me estender a mão, pegar na asa e virá-lo ao contrário.

Eu mal conhecia a Hannah Baker. Isto é, não que não quisesse. Queria conhecê-la melhor, mas as circunstâncias não permitiram. Durante o verão, trabalhámos juntos no cinema. E, ainda há pouco tempo, numa festa, curtimos. Mas nunca tivemos oportunidade de nos tornarmos amigos chegados. E nem por um momento eu a tomei por garantida. Nem por um momento que fosse.

Estas cassetes não deveriam estar aqui. Nem comigo. Só pode ser um engano.

Ou uma piada de péssimo gosto.

Arrasto o caixote do lixo pelo chão para junto de mim. Apesar de já o ter verificado uma vez, torno a examinar o embrulho. Em algum lado tem de haver um remetente. Talvez seja eu que não tenha reparado.

As cassetes do suicídio da Hannah Baker andam a ser passadas de mão em mão. Alguém fez uma cópia e ma enviou por brincadeira.

Amanhã, na escola, alguém se há de rir de mim quando me vir, ou então fazer um sorriso de troça e desviar o olhar. E nessa altura ficarei com a certeza.

E depois? O que terei então de fazer?

Não sei.



*Quase me ia esquecendo. Se estiverem na minha lista, devem ter recebido um mapa.*

Atiro o embrulho para o caixote.

Eu estou na lista.

Há algumas semanas, escassos dias antes de a Hannah tomar os comprimidos, alguém enfiou um envelope através da ranhura do meu cacifo. O envelope dizia: GUARDA ISTO — VAI-TE FAZER FALTA a marcador de feltro vermelho. Lá dentro, vinha um mapa dobrado da cidade. Cerca duma dúzia de estrelas vermelhas assinalavam várias zonas da cidade.

Na escola primária, utilizávamos estes mesmos mapas da câmara do comércio para aprendermos o norte, o sul, o leste e o oeste. Uma série de números azuis minúsculos espalhados pelo mapa correspondiam a nomes de empresas catalogados nas margens.

Guardei o mapa da Hannah na minha mochila. Fazia tenções de o mostrar aos meus colegas da escola para ver se mais alguém recebera algum. Para ver se alguém sabia o que significava. No entanto, com o tempo, foi-se infiltrando entre os meus livros e os meus cadernos, e eu acabei por me esquecer dele.

Até agora.

*Ao longo das gravações, irei mencionar vários locais da nossa querida cidade para que vocês os visitem. Não vos posso obrigar a irem lá, mas, se quiserem conhecer a situação mais a fundo, basta que se dirijam às estrelas. Ou, caso contrário, também podem deitar o mapa para o lixo, que eu nunca terei de descobrir.*

À medida que a Hannah vai falando através dos altifalantes roufenhos, sinto o peso da mochila a fazer força contra a minha perna. Lá dentro, agures todo amarfanhado, está o mapa dela.

*Ou talvez descubra. Não tenho bem a certeza de como é que isto da morte se processa. Quem sabe, talvez neste momento eu esteja mesmo atrás de vocês.*

Debruço-me sobre a bancada de carpintaria e apoio os cotovelos no tampo. Deixo que o rosto me tombe para as mãos e faço deslizar os dedos com força para trás pelo meu cabelo inesperadamente húmido.

*Peço desculpa. Não foi justo.*

*Pronto, Mr. Foley?*

Justin Foley. Um aluno do último ano. Foi o primeiro rapaz que a Hannah beijou.

Mas como é que eu sei disto?

*Justin, meu amor, foste o primeiro rapaz que beijei. O primeiro a quem dei a mão. Mas não foste mais importante que outro rapaz qualquer. E não digo isto por maldade — a sério. Só que tinhas qualquer coisa que me fazia querer namorar contigo. Ainda hoje não sei ao certo o que era. Mas estava lá... e era simplesmente irresistível.*

*Tu não sabes, mas, há dois anos, quando eu andava no primeiro ano e tu no segundo, eu tinha o hábito de te seguir para todo o lado. Ao sexto tempo, trabalhava no gabinete de atendimento e, como tal, conhecia o teu horário numa ponta à outra. Cheguei mesmo a andar com uma fotocópia dele, que tenho a certeza de ainda ter por aqui algures. E, quando forem arrumar os meus pertences, o mais provável é que o deitem fora, convencidos de que a paixoneta numa miúda não tem importância nenhuma. Mas será bem assim?*

*Na minha opinião, tem importância, e muita. Recuei até ti para ter um ponto de partida para a minha história. E é de facto aqui que tudo começa.*

Então, afinal, qual é o meu lugar na lista, no meio de tantas histórias? O segundo? O terceiro? Será que piora à medida que vai avançando? Ela disse que o felizardo do número treze poderia levar as cassetes para o inferno.

*Quando chegares ao fim destas cassetes, Justin, espero que consigas compreender o teu papel em tudo isto. Porque agora pode parecer-te um papel pequeno, mas não deixa por isso de ser importante. No fim, tudo é importante.*

*Traição. É uma das piores sensações.*

*Eu sei que não fizeste de propósito por me desiludir. Na verdade, a maior parte de vocês que me estão a ouvir não fazia a mínima ideia do que andava a fazer — do que andava verdadeiramente a fazer.*

O que andava eu a fazer, Hannah? Porque, sinceramente, não faço a mais pequena ideia. Aquela noite, se é essa a noite em que estou a pensar, foi tão estranha para mim como foi para ti. Talvez mais para mim, uma vez que continuo sem perceber patavina do que diabo se passou.

*A nossa primeira estrela vermelha localiza-se em C-4. Desliza com o dedo até ao C e depois para baixo até chegares ao 4. Isso mesmo, como se fosse a batalha naval. Quando chegares ao fim desta cassete, devias ir lá. Morámos pouco tempo naquela casa, no verão antes de eu entrar para o secundário, mas foi para aí que fomos viver quando chegámos a esta cidade.*

*E foi aí que eu te vi pela primeira vez, Justin. Talvez ainda te lembres. Estavas apaixonado pela minha amiga Kat. Ainda faltavam dois meses para o início das aulas, e a Kat era a única rapariga com quem eu me dava, porque morava mesmo ao meu lado. Ela contou-me que no ano anterior tu andavas sempre em cima dela. Não em cima dela literalmente — apenas não tiravas os olhos dela e chocavas acidentalmente com ela nos corredores.*

*Quero eu dizer, eram choques acidentais, não eram?*

*A Kat contou-me que, no baile de fim do ano, finalmente arranjaste coragem para ir além dos olhares e dos choques. Vocês dançaram todos os slows juntos. E muito em breve, confessou-me ela, iria deixar que tu a beijasses. O primeiro beijo da vida dela. Mas que honra!*

As histórias devem ser más. Mesmo más. É esse o único motivo por que as cassetes estão a passar de mão em mão. Por medo.

Porque haveria alguém de enviar um monte de cassetes pelo correio a responsabilizar outra pessoa pelo seu suicídio? Não passaria pela cabeça de ninguém. Todavia, a Hannah quer que nós, os que constam da lista, ouçamos o que ela tem a dizer. E nós iremos atender ao seu pedido, passar as cassetes uns aos outros, quanto mais não seja para que não vão parar às mãos de pessoas que não constam da lista.

«A Lista.» Mais parece um clube secreto. Um clube exclusivo. E, por algum motivo que desconheço, faço parte dela.

*Como eu queria ver como tu eras, Justin, nós chamámos-te de minha casa e pedimos-te que viesses ter connosco. Chamámos-te*

*de minha casa, porque a Kat não queria que tu soubesses onde ela morava... bom, até ver... mesmo sendo a casa dela mesmo ao lado da minha.*

*Tu estavas a jogar à bola — já não sei se era basquetebol, basebol, se o que era —, mas só podias vir mais tarde. E, assim, nós ficámos à tua espera.*

Basquetebol. Muitos de nós jogámos basquetebol nesse verão, na expectativa de chegarmos à equipa secundária da universidade. O Justin, que ainda só estava no segundo ano do secundário, tinha um lugar à sua espera nessa equipa. E, por conseguinte, muitos de nós passámos o verão a jogar basquetebol com ele na esperança de lhe ganharmos o jeito. E alguns chegaram mesmo a ser bem-sucedidos.

Embora outros, infelizmente, não.

*Sentámo-nos diante da minha janela de sacada, a conversar durante horas, quando, de repente, te vimos a ti e a um dos teus amigos — olá, Zach! — a subir a rua.*

Zach? Zach Dempsey? A única ocasião em que vi o Zach com a Hannah, e ainda assim por escassos instantes, foi na noite em que a conheci.

*A minha antiga casa ficava mesmo na interseção entre duas ruas, como um T virado ao contrário, e, assim, tu vinhas a meio da rua na nossa direção.*

## II

Espera aí. Espera aí. Preciso de refletir.

Começo a raspar uma mancha de tinta cor de laranja seca da bancada. Porque é que estou a ouvir isto? Isto é, porque é que me estou a sujeitar a isto? Porque é que não me limito a tirar a cassete da aparelhagem e a deitar a caixa cheia delas para o lixo?

Engulo em seco. Sinto as lágrimas a arder ao canto dos olhos.

Porque é a voz da Hannah. Uma voz que eu não pensei tornar a ouvir. E, essa, não a posso deitar fora.

E também por causa das regras. Olho para a caixa de sapatos escondida debaixo da fralda. A Hannah disse que tinha feito uma cópia de cada uma das cassetes. Mas, e se não fez? Talvez se a cassete parar, e eu não a reenviar, o assunto fique arrumado. Acabou-se. Não acontece nada.